



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

MARRICÍDIO EM “A MULHER QUE COMEU O AMANTE”, DE BERNADO ÉLIS

MARRICIDIO IN “THE WOMAN WHO EATED THE LOVER”, BY BERNARDO ÉLIS

Selma Alves Pinto de Souza¹
Samuel Carlos Melo²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o conto “A Mulher que Comeu o Amante”, de Bernardo Élis, publicado na obra *Ermos e Gerais* (1944), a partir da perspectiva de que maldade feminina encontra um coautor para a realização de crimes bárbaros e apesar de quase um século depois, parricídios são crimes de visibilidade no cenário policial e jornalístico atual. Objetiva-se, primeiramente, observar como o regionalismo é presente na fala dos personagens, apresentando uma riqueza linguística e cultural, na paisagem descrita ao longo do enredo e na culinária. Após isso, pretende-se apontar como Carmélia, a idealizadora da ação homicida, por motivos, segundo a leitura do texto tão banais, ela carrega no nome (Amélia) de mulher doméstica, de boa esposa, “de mulher de verdade”, conforme Ataúfo Alves e Mário Lago, deveria apresentar atitudes carinhosas e gentis para com seu esposo, também por viver em um período em que reina o patriarcalismo, o modelo de “educação” que sustenta a menina comportada, criada para obedecer, ser submissa ao pai e ao esposo, respectivamente. Por fim, espera-se que o ato criminoso seja exposto e refletido em sua grandiosidade, de acordo com o descrito no Conto, explorando passo a passo a execução e o desfecho, emitindo grande repulsa aos atos feministas. Para isso, tem-se como apoio teórico e crítico, dentre outras, os estudos de Silva (2013), Bosi (2013), Brandão (1993) e Cândido (2000).

Palavras-chave: Narrativa Brasileira. Linguagem Regionalista. Marricídio.

Abstract: This work aims to analyze the short story “A Mulher que Comeu o Amante”, by Bernardo Élis, published in the book *Ermos e Gerais* (1944), from the perspective that female evil finds a co-author to carry out barbaric crimes and despite almost a century later, parricides are crimes of visibility in the current police and journalistic scenario. The objective is, firstly, to observe how regionalism is present in the speech of the characters, presenting a linguistic and cultural richness, in the landscape described throughout the plot and in the cuisine. After that, it is intended to point out how Carmélia, the creator of the homicidal action, for reasons, according to the reading of the text, are so banal, she bears the name (Amélia) of a domestic woman, a good wife, “a real woman”, according to Ataúfo Alves and Mário Lago, should have affectionate and gentle attitudes towards her husband, also because she lives in a period in which patriarchy reigns, the model of “education” that sustains a well-behaved girl, raised

¹ Licenciada em Letras. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG) – Câmpus Cora Coralina – Cidade de Goiás. E-mail: selmashego@aluno.ueg.br.

² Licenciado em Letras. Doutor, docente e orientador no Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG) – Câmpus Cora Coralina – Cidade de Goiás. E-mail: samuel.melo@ueg.br

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

to obey, to be submissive to her father and to the husband, respectively. Finally, it is expected that the criminal act is exposed and reflected in its grandiosity, as described in the Tale, exploring the execution and the outcome step by step, emitting great disgust to feminist acts. For this, theoretical and critical support is provided, among others, by Silva (2013), Bosi (2013), Brandão (1993) and Cândido (2000).

Keywords: Brazilian Narrative. Regionalist Language. Marricide.

1 Introdução

Nos primórdios do Romantismo, escritores e artistas registravam em suas obras tudo que rememorava o patriotismo, cores, formas e ocorridos. Na literatura regionalista, esse feito é bastante evidente, descrevendo paisagens e o espaço do sertão ou o sertanejo de forma minuciosa e detalhista. Com o avançar dos anos surge o Pré-Modernismo e o Modernismo, assim a mudança de olhar, a paisagem sertaneja descrita para apresentar aos brasileiros dá lugar a uma descrição marcada por pessoas injustiçadas, humilhadas e utilizadas ora denunciando um sistema que as oprimia e as marginalizava. Fora de seu local de origem, desencaixadas de suas terras, realidades que, não se queria que existisse.

“A mulher que comeu o amante”, de Bernardo Élis, é o quarto conto de “Ermos e Gerais”, publicado originalmente em 1944. A história adentra a animalização do ser humano, posto que as condições sociais da região sertaneja apresentam os personagens vivendo em níveis desumanos, humilhantes, marginalizados e abandonados em contato com o sujeito civilizado.

As marcas da oralidade oportunizam um olhar simples, algo primitivo ou rústico. As marcas da oralidade apresentadas se assentam na relação entre a fala estilizada dos personagens e a fala do narrador em terceira pessoa, à princípio com aparente discrepância. A maior denotação da presença da oralidade é a representação da escritura que produz uma realidade em si mesma, mantendo relações linguísticas, sociais e culturais com o Centro-oeste brasileiro. O que não vem a confirmar qualquer vínculo com a oralidade goiana, mas sim, verificam aspectos semelhantes nas produções oriundas de ambientes rurais e até mesmo citadinos.

Carmélia, principal personagem apresenta um distúrbio comportamental, fria de sentimentos e simultaneamente movida pelos desejos sexuais, foge de seu local de origem com um senhor, “pai de família”. Se junta ao casal, anos depois, um primo que fora namorado da

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

moça. O marido, Januário, com o peso da idade já não consegue mais satisfazer o libido da amada, por sua vez manipula o primo a ponto de o fazer assassino de seu marido.

O lugar ou a situação vivenciada diariamente, de pobreza, desestabilizadora da ordem e da razão, bem como a falta de serviços assistenciais, seja de familiares ou do Estado, pois qualquer que seja o ocorrido ficaria em sigilo absoluto para nenhum tipo de esclarecimento ou punibilidade.

A metodologia pauta-se em pesquisa bibliográfica que será devidamente referenciada ao longo da escrita.

2 Epítome do conto

Bernardo Élis Fleury de Campos Curado nasceu em Corumbá de Goiás, em 15 de novembro de 1915, falecendo na mesma cidade, em 30 de novembro de 1997. Foi o primeiro e único goiano membro da Academia Brasileira de Letras, sendo o quarto ocupante da Cadeira 1, tendo sido, ainda, advogado, professor, poeta, contista e romancista brasileiro. Além de *Ermos e gerais* (1944), também publicou: *O tronco* (romance, 1956) e *André Louco* (contos, 1978).

“A mulher que comeu o amante”, é o quarto conto de *Ermos e Gerais*, e tem Carmélia como a personagem feminina de destaque. Januário, “coroa enxuto”, deixa a idosa esposa em Xiquexique, na Bahia, fugindo com a amante, Carmélia, uma mocinha, para o interior de Goiás. Constrói um ranchinho às margens de um afluente do rio Santa Teresa e ali vive tranquilo com sua amada até a chegada de José, o Izé da Catirina, primo de Carmélia e seu antigo namorado.

Era nas margens de um afluente do Santa Teresa, esse rio brumoso de lendas que desce de montanhas azuis, numa inocente ignorância geográfica. Januário fez um ranchinho aí. Viera de Xiquexique, na Bahia. Era velho, enxuto nas carnes e de olhar vivo de animal do mato. Ele deixou a velha, sua mulher, em Xiquexique e fugiu com uma mocinha quase menina. Ergueu o rancho de palha naquele lugar brutalizado pela paisagem amarga e áspera. [...] (ÉLIS, 2005, p. 109).

É perceptível na narração que o casal, Januário e Carmélia, diferem dos demais casais para a época, ela “novinha”, quase menina e ele um velho homem, até casado. Um tipo de

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

relacionamento mal-visto pela sociedade, principalmente pelas pessoas que habitavam as maiores cidades, capitais, as consideradas “mais civilizadas”. Também paira uma pontinha de vergonha de encontrar com a esposa traída e ter que justificar com os vizinhos e amigos a decisão e viver “em pecado”.

As religiões cristãs possuem tradições pautadas em casamentos “até que a morte os separe”, ou seja, homem casado deveria honrar a esposa e filhos permanecendo conforme os desígnios conjugais, então como muitos faziam e ainda fazem, agem mantendo as aparências, os casos extraconjugais ficam às escondidas. Para as moças, manter-se pura até o momento em que o pai e a mãe concordassem que a filha escolhera um rapaz, solteiro, trabalhador, de boa família, possuidor de boa conduta na sociedade, conforme a moral e os bons costumes e, a partir do casamento, a função da mulher era atender às necessidades do marido como esposa e boa mãe.

Observa-se que o modo de apresentar a história se assemelha às narrativas populares, quando descreve a paisagem no trecho acima, a marcação de parágrafos curtos, com breves períodos que dão dinamismo ao narrar os fatos. Há a transcrição dos personagens e dos lugares, relacionando-os para a realidade representada, apontando para a tendência descritivo-narrativa predominante na oralidade. Também chama a atenção o conhecimento do narrador tanto dos personagens quanto com a paisagem, que é digno conhecedor da região assinalada, relatando uma vida simples, no ermo do sertão brasileiro, em que muita gente ainda não come sal. Em terceira pessoa, o narrador heterodiegético se comporta como homodiegético, cúmplice da matéria narrada, fatores recorrentes nas narrativas orais.

O Estado de Goiás, em 1944, data do lançamento de *Ermos e Gerais*, era considerado um estado pouco habitado, lugar propício para aqueles que queriam se esconder, aqueles que não se enquadravam na sociedade, os marginalizados ou extraviados. O relacionamento de Januário e Carmélia representa uma agressão à moral e aos bons costumes e, como um casal que não era bem-vindos no meio social, restou para ambos a fuga para outro lugar onde poderiam viver “em paz”, sem serem perturbados ou julgados.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Vigorava a ideia de que no sertão era terra sem lei e que, naquela época, viviam os criminosos, bárbaros e pagãos, sendo, então, lugar ideal para abrigar o novo casal. Segundo Silva, “[...] o sertão desafia categorizações e definições simplistas, constituindo-se, desta forma, no lócus do irracional e do mistério habitado por figuras despóticas, esqueletos, criaturas monstruosas e mulheres fatais.” (SILVA, 2013, p. 102).

A vida do casal, Carmélia e Januário, parece transcorrer monotamente ali naquele lugar deserto e distante até a chegada do primo José, vindo também de Xiquexique, dizendo estar extraviado, e trazendo novidades de sua terra. A esposa de Januário era ex-namorada do primo, José, conhecido por todos, Izé e, começou a nutrir um certo interesse sobre o moço e ele também por ela.

Quase nada se tinha no sertão onde Carmélia e Januário moravam, tudo que precisavam tiravam da terra, caçavam, pescavam e plantavam. Uma vez ou outra, o marido ia até o povoado buscar alguma coisa de grande necessidade, mas já fazia tempos que ele não ia até lá. Reinava a pobreza e as lembranças de comer sal, tomar café e usar vestidos novos, ela era moça ainda e já estava cansada daquela vida no meio do mato e do velho marido Januário que já não “dava no couro”.

Carmélia vestia uns farrapos de chita sobre o corpo jovem e elástico. Não gostava de vestir algodão e já ia para quase dois anos que Januário não voltava ao povoado para comprar coisa alguma. Ela confessou ao primo que se arrependera demais da fuga: - Ele tá véio, intojado... - e deixou no ar uma reticência que saiu cheirando a amor e a ruindade de sua boca desejosa. Ela queria dizer que estava com saudade de vestir vestido bonito, calçar chinelos, untar cabelo com brilhantina cheirosa. Queria beber café e comer sal. (ÉLIS, 2005, p. 111-112).

Nesse trecho, percebe-se que o narrador começa a apresentar o valor da figura feminina, Carmélia mostra-se insatisfeita com a vida que leva e com o marido, então começa a usar seu poder de sedução, usar o corpo para “amarrar” Izé, que, para ela, parece ser a porta de saída daquele lugar e daquela vida. Ela lamenta o fato de não poder se enfeitar, compor sua

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

feminilidade, a partir de adornos para o corpo, saborear uma boa comida e satisfazer seus desejos sexuais.

No sertão, segundo Silva (2013), “[...] não há regras, os pagãos que ali habitam criam suas próprias regras. O sertão é terra de bárbaros, onde as coisas mais terríveis podem acontecer”, então, o fato de Carmélia ser ambiciosa parece normal para aquele lugar. As roupas velhas e rasgadas usadas por ela ajudam-na na tarefa de seduzir Izé, como se pode observar no trecho:

Mas os trapos mal tapavam as carnes da moça que ardiam lascivas através dos buracos dos tecidos, como uma brasa divina de pecado. As pernas fortes, tostadas, mal encobertas, aumentavam o desejo de Izé, que era uma navalha na valsa. Até para isso as mulheres sabem ajeitar os panos! (ÉLIS, 2005, p. 112).

Esse trecho destaca que mesmo usando trapos ela sabe seduzir. O desejo sexual do homem é despertado pelo corpo dela, é ardilosa e ele se torna um fantoche em suas mãos. Interessante observar que as roupas rasgadas, mostrando parte de seu corpo, seduzem ainda mais Izé. Ele pode, através dos buracos no tecido, enxergar as carnes da moça que ardem, o que atíça ainda mais o seu desejo por ela.

3 Marricídio: pressupostos

Ganharam as páginas policiais muitos crimes de distintas mulheres contra seus maridos nesta última década, o maior número é explicado por legítima defesa. Interessante como os corpos são encontrados algum tempo depois e, dentre os relatos, as mulheres são vítimas de traições, violência doméstica, seja ela física, como o estupro e espancamento, ou violência psicológica. A maioria delas cometeram os atos por causa de ameaça aos filhos ou até mesmo em relação à guarda dos herdeiros.

A pena depende das circunstâncias para o crime. E para justificar a lascividade que emana de Carmélia, o narrador descreve: “O velho também já não dava conta do recado. Só

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

faltava pedir ao novato que tomasse conta daquela diaba vampiresca.” (ÉLIS, 2005, p. 112). O apetite sexual da mocinha já não é mais saciado por Januário. Ele estava sendo sugado por ela.

“- Ele tá véio, intojado...” (ÉLIS, 2005, p. 112), ela não nutre pelo marido nenhum sentimento de afeto, pelo contrário, há um certo desprezo por ele, só está esperando o momento mais oportuno para se ver livre dele. Carmélia não esconde o desinteresse pelo marido e deixa claro ao primo quem o interessa, assim as insinuações são o encorajamento que ele precisa para investir sobre ela.

A partir do diálogo acima, percebe-se a manipulação e a clara insinuação de Carmélia sobre o primo. O discurso do narrador, “[...] e deixou no ar uma reticência que saiu cheirando a amor e a ruindade de sua boca desejosa.” (ÉLIS, 2005, p. 112), também é muito significativo e mostra que através de sua fala ela deixou no ar informações sobre o que ela desejava, suas intenções, para que Izé “pegasse” e a partir daí iniciasse sua investida.

É como se Carmélia confirmasse ao primo que o caminho estava livre para ele. Carmélia, no início do conto, aparece como a menina que foge com o homem que ama, o que leva a pensar que não é totalmente má, mas apenas uma jovem apaixonada que cede ao homem amado. Porém, no decorrer da narrativa, ela vai se mostrando interesseira e dissimulada, e, assim, percebe-se que ela fugiu com Januário com a ideia de ter uma vida boa, o que acaba não acontecendo.

A personagem, então, decide manipular o primo para obter o que deseja: se ver livre do marido. Seduzido por Carmélia, Izé começa a querer tomar o lugar de Januário, porém ele não tem nada contra o velho, por isso precisa achar uma desculpa para matar Januário e ficar com a mulher. Naquele “fim de mundo” não haveria ninguém para dar falta do velho. Sem coragem ou desculpas para cometer o crime, Izé hesita, ela é quem, em certo dia, toma a iniciativa e propõe a Izé matar Januário: “(-) Bamo matá o cujo?” (ÉLIS, 2005, p. 113).

É perceptível que a figura feminina assume o papel de um ser maligno, destruidor, ao propor e planejar a morte de Januário, assim, se livra daquela vida e ainda satisfaz seu apetite sexual. Como discorre Ruth Silviano Brandão (1993) sobre a sexualidade feminina, a

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

manifestação da sexual dessa mulher apresenta-se como algo ameaçador, perturbador do equilíbrio, como uma “alteração no caráter, uma irritabilidade excessiva”, um arrebatamento que se deve controlar, um desejo que parece vir de fora.

Segundo Aduz Swain:

(...) A mulher sofre o desejo do outro, como o seu próprio, ou melhor, aquele que nela se manifesta. Indiferente e fria enquanto pessoa, e mais ainda enquanto personagem social, enquanto mãe, ela é puta por natureza, imprevisivelmente destinada a dar ao primeiro que apareça, presa que será subitamente de um desejo insaciável que não emana dela, mas do próprio sexo e que é pouco harmonioso quanto aos meios de satisfação. (SWAIN apud BRANDÃO, 1993, p. 176).

Izé é manipulado por Carmélia e age feito marionete, de fraca personalidade, deixando-se convencer que a morte do “amigo” seria melhor para ambos. Ela, sedutora, utiliza os encantos do seu corpo e percebe que o primo é capaz de tudo para agradá-la, que ele também a deseja ardentemente, e, para saciar o seu desejo sexual e ainda obter vantagens, inicia o plano marricida.

Crueldade, barbárie, insanidade mental? Se queria tanto o primo porque não fizera como antes, era deixar o velho e fugia para outra localidade, mas não; “(-) Bamo matá o cujo?” (ÉLIS, 2005, p. 113). As forças do velho não se equiparavam a de Izé e, diante da possibilidade iminente da morte:

Januário pediu explicação: - Após se é pra mode a muié ocê num carece de xujá sua arma. Eu seio que ocês tão viveno junto e num incomodo ocês, mas deixa a gente morre quando Deus fô servido. - Depois fez uma careta medonha e seus olhos murchos, cansados, encheram-se de lágrimas, que corriam pela barba branca e entravam na boca contraída. (ÉLIS, 2005, p. 113).

Januário mostra-se ciente da situação em que vive, disposto a dividir a mulher, o sexo, o corpo feminino, com Izé. Para ele, a vida continuaria do mesmo jeito, sem nenhum problema, o primo saciaria os desejos sexuais da esposa, coisa que ele já não mais conseguia. Carmélia é dominadora, mantém os dois homens submissos, ambos sob o mesmo teto. Nada ela carrega da

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

educação patriarcal que as moças recebiam, não tinha nenhuma “amarra” do patriarcalismo, nunca fora dominada, ao contrário, mostra-se dominadora desde o princípio. O estereótipo da mulher como pura passividade jamais a beirou. Ela é a bruxa que enfeitiça, dissimulada, não é a esposa, nem mãe, nem a filha perfeita, é o monstro, a fera devoradora de homens.

A personagem traz em seu nome Amélia, que vem de Amália, em germânico o radical “Amal”, significando trabalho, mas Amélia é nome de mulheres que ficaram marcadas na história por atuarem em parceria com o esposo, inclusive, anos antes de lançamento deste Conto, foi lançado uma música de grande sucesso e repercussão nacional, “Ai que saudade da Amélia”, trazendo um marido reclamando da atual esposa e lembrando a ex, que era trabalhadeira, passava fome ao seu lado, o consolava, a figura submissa da mulher na era do patriarcalismo. Esse nome acrescido a um pequeno prefixo, “Carmélia”.

Concentrando no crime cometido, mesmo com o consentimento de Januário para o compartilhamento da mesma mulher, Izé, que morava de favor no ranchinho construído pelo “amigo” e que o único motivo para ceifar-lhe a vida era o desejo sexual por Carmélia, o arrastou e o jogou em um poço no rio infestado de piranhas, deixando-o lá até morrer. O homem sucumbe aos desejos da mulher, nada pode pensar. Para tê-la e saciar o seu desejo, ele é capaz até de tirar a vida do seu rival.

Neste conto, encontra-se a transcrição da tradição oral, vocábulos estilizados, processo de criação genuíno que formata a realidade literária em diálogo com as manifestações orais específicas da região de origem. Capaz de sustentar uma relação tensa entre o discurso do narrador que se firma na gramática normativa, ora propriedades de elocuições específicas de certos grupos sociais ou região.

É a incorporação das palavras e enunciações de comunicação do discurso do outro pelo discurso do narrador que confere a este uma orientação dialógica, no entendimento de estilizar a partir de uma elaboração da entoação oral, o que numa forma estranha à própria língua. “(.)- Bamo matá o cujo?” (ÉLIS, 2005, p. 113). Não se trabalha estritamente do aspecto oral, está além da simples transcrição fonética de determinado grupo de uma região específica. A



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

oralidade é própria do narrador, no sentido de que ele está inscrito nesse grupo através das marcas já apontadas e reconhecíveis de seu discurso, criando uma realidade que traz em seu bojo uma ideologia linguística, social, antropológica que perpassa toda sua voz.

4 Consumado o marricídio

Com a frieza dos assassinos, Carmélia resolve comemorar, tem fome e no fim do dia, resolve fazer um jantar, indo até o rio pescar piranhas no caldeirão. O esqueleto branco estava lá no fundo do rio, Januário virou alimento para as piranhas. O final do velho foi o mesmo dado ao veado abatido para matar a própria fome e da esposa, deu a má sorte de o bicho cair naquelas águas.

Uma vez, Januário ainda tinha a lazarina, pregou um tiro num veado. O cujo caiu n'água, mas não chegou nem a afundar-se. O poço brilhou no brilho pegajoso de mil escamas e tingiu-se de rubro. Depois, quando a água se limpou mais, a ossada do veado ficou alvejando higienicamente limpa no fundo do rio. (ÉLIS, 2005, p. 114)

Dando continuidade na comemoração, a viúva desalmada pescou algumas piranhas e as preparou assadas no borralho. Comeu e até achou que tinha sal, o que fez Izé ter calafrio de medo, se a mentora do crime, agora sua esposa, depois de algum tempo, tivesse vontade de comer sal poderia ser ele quem iria para o poço:

Quando estavam comendo os peixes assados no borralho, ela, alegre, ponderou que nunca houvera comido piranha tão gostosa:
- A mó que tão inté sargada, Izé!
O primo sentiu aquele calafrio e riu amarelo, só com o beíço de cima. Ficou banzando:
- E se daí a alguns dias a prima resolvesse comer piranha salgada novamente, quem será que ia pro poço? (ÉLIS, 2005, p. 115).

Percebe-se que a Carmélia não esboça nenhum sofrimento pela morte do marido, pelo contrário, ela se sente feliz e tem a necessidade de comemorar, como se pode perceber no trecho:

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

[...] E foi daí que ele carregou o Januário e o atirou ao poço, entre garranchos e as folhas podres.

Uma lágrima ainda saltou e caiu na boca de Carmélia que estava carrancuda e quieta atrás do primo. Ela teve nojo, quis cuspir fora, mas estava com tanta saudade de comer sal que resolveu engolir.

[...]

Já de tardinha, Carmélia teve a feliz lembrança de preparar uma janta para festejar o grande dia. [...] (ÉLIS, 2005, p. 1 13-114).

Ela age com tranquilidade durante a preparação do jantar e sente-se satisfeita ao devorar as piranhas que devoraram seu marido. O sertanejo exerce o canibalismo. O canibalismo aparece, a mulher o faz por vontade própria, reforçando assim a ideia de que é um ser maligno, capaz de cometer atos bárbaros e até mesmo de devorar aquele que não lhe serve mais.

Dentro da narrativa percebe-se que muitas palavras são ambíguas, uma delas e que exerce um importante papel é o vocábulo “piranha”. De acordo com Cascudo, piranha é um “Peixe de água doce, podendo atingir até 45 centímetros de comprimento a espécie maior, a preta. Os grandes bandos, de voracidade incrível, atacam todas as coisas vivas, destruindo-as com voracidade. [...]” (CASCUDO, 1999, p. 720).

Sobre o verbete piranha ou o animal vivente em água doce, no dicionário online Caldas Aulete encontra-se: “(pi.ra.nha) sf. 1. Zool. Denominação geral a diversos peixes da fam. dos caracídeos (gên. Serrasalmus e Pygocentrus), encontrados em rios e lagos sul-americanos; são predadores vorazes, dotados de dentes numerosos e cortantes e vivem ger. em cardumes. 2. Bras. Meretriz, prostituta 3. Bras. Pej. Mulher libertina, leviana, que tem relações sexuais com qualquer homem.”

Portanto, são dois os significados descritos, além de ser um animal voraz, a piranha, no sentido pejorativo, muito utilizado no Brasil, para qualificar a mulher assume o significado de prostituta libertina. É aquela mulher que mantém relação sexual com qualquer homem ou com vários homens, as ações de Carmélia assim pode qualificá-la.

Ela mantém relação sexual com Januário que era um homem casado, e depois com o primo também. Não se importa com as regras ditadas pela sociedade patriarcal, ela não serve

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

ao homem e sim o faz servi-la. Primeiro ele fora devorado, ainda em vida, por uma piranha, depois os animais de nome homônimo lhe tiraram a vida. O fato de serem as piranhas o devorarem não é por acaso, pelo que se pode observar, o autor faz indiretamente a associação entre o animal e a mulher.

O comportamento de Carmélia é animalesco, como as piranhas que comeram seu marido. Ela é voraz, capaz de “devorar” os homens que desejar sem nenhum remorso, pelo contrário, esbanjando prazer. O ato de “comer” pode estar relacionado intimamente à alimentação ou ao ato sexual.

No título do conto em estudo há: “[...] a palavra “comeu” possuindo duplo significado: tanto poderia dizer “devorar”, “engolir”, “alimentar-se com”, como também poderia significar chulamente “manter relação sexual” fazer amor com”, “foder”, “copular”, “dar”.” (ÉLIS, 2000, p. 179).

Carmélia “comeu” Januário, tanto no sentido de “alimentar-se com”, quanto no sentido de “manter relação sexual”. A partir do que foi observado é possível verificar que a figura feminina, neste conto, intencionalmente, é causadora da desgraça do homem, reforçando assim, a ideologia perpetuada por anos de que a mulher é um ser maligno, capaz de manipular e destruir o homem.

De acordo com Pires (2008), ao princípio feminino sempre esteve ligado a escuridão e tudo que nela existe, principalmente o ato de se cometer algo aterrorizante na surdina, sem levantar nenhuma suspeita. A mulher é fraca e como tal é suscetível ao mal. Partindo da ideia de que a fêmea, ao mesmo tempo em que proporciona prazer ao homem, também o destrói, temos como exemplo, na natureza, o louva-a-deus (Mantis religiosa). A fêmea devora o macho durante ou depois do ato sexual, a aranha viúva negra (Gênero *Latrodectus*) também devora o macho após a cópula, canibalismo sexual natural.

Carmélia devora seu marido nas piranhas que o alimenta, para desfrutar dos prazeres do sexo com outro macho. Age como a fêmea do louva-a-deus, tal qual a viúva negra, pois o macho não lhe serve mais para a penetração carnal, sem remorsos e com toda naturalidade.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Ela assume a responsabilidade pela morte do marido sem estremecer, incita o amante a cometer o crime, é a cabeça que dirige o outro ao pecado. Maliciosamente usa seus poderes de sedução, o sexo. Mas não satisfeita só em matar o marido, a mulher ainda se alimenta dele, desfrutando o último sabor que ele oferece.

Definitivamente, a personagem não representa o arquétipo da mulher romântica, idealizada e submissa, transgrede as regras, as convenções sociais, primeiro quando foge com um homem casado, segundo quando comete adultério com Izé, um primo extraviado não se sabe porque e, terceiro, quando trama a morte do marido e depois se alimenta dele naturalmente.

Algumas ações cometidas pela principal personagem se assemelham a atitudes tipicamente masculinas. O adultério, por exemplo, se cometido pelo homem, é visto na sociedade como normal e até culpabilizam a mulher, esposa, pela falta de assistência sexual em casa, esquecendo de julgar o caráter do indivíduo, ora é sinônimo de virilidade. Quando é cometido pela mulher, é visto como hediondo, promíscuo, a mulher que o comete deve ser castigada, punida, tem desvio de caráter, de conduta.

Em muitos casos, já se “lavou a honra com sangue”, pois o assassinato cometido pelo homem é sinal de força, coragem, ato de desespero, algo passível de explicação. Caso o ato seja praticado pela mulher é maligno, diabólico, terrível. Sempre cabem justificativas às ações masculinas e desculpas, enquanto às femininas não.

Conforme os arquétipos das deusas gregas (BOLEN, 1990), Carmélia se identifica com Afrodite, pois essa deusa viveu os relacionamentos que escolheu e nunca foi enganada. Os relacionamentos vividos por Afrodite estavam ligados não a durabilidade, mas a intensidade. Carmélia, assim como Afrodite, escolheu seus relacionamentos e os viveu como e até quando os quis, não se importando com as convenções sociais.

A sociedade goiana é retratada no conto, moldada nos valores patriarcais, na qual aos indivíduos rejeitados pela sociedade cabia o espaço do sertão, onde a brutalidade do ambiente se misturava à brutalidade dos viventes que ali habitavam. As transgressões e barbáries ali cometidas eram também resolvidas ali, cada um aplicava a sua lei e não havia ninguém para

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

julgar. Se o que acontecesse naquele lugar não “sujasse” a sociedade dos grandes centros, estava tudo bem.

5 Considerações finais

Nesse conto, muitos debates podem ser levados relacionados à temática feminina, o patriarcalismo que “caiu por terra”, depois de muita luta por feministas que acreditaram inicialmente na capacidade da mulher realizar na política o mesmo embate que os homens e voltando na história dessa revolução feminista. Até a nomenclatura empregada nomeando os movimentos feministas foram machistas, como, por exemplo, “Movimento bem-comportado”. Estes produziram reflexos que podem ser sentidos nos dias atuais e os avanços conquistados não teriam sido possíveis se não houvesse uma luta por parte das mulheres.

A personagem Carmélia, de “A mulher que comeu o amante”, é bonita e extremamente sensual, consegue seduzir Januário, homem casado, e depois o primo Izé, esse coautor no assassinato de seu marido. Ela é má e dissimulada, assim como Afrodite, a deusa do amor e da beleza, mas não foi vitimada e não sofreu. A personagem foge ao modelo patriarcal de mulher, ela é dona de si e faz aquilo que deseja.

A figura feminina era considerada inferior e estava destinada ao lar, o que era bastante conveniente, pois assim, ela, submissa, estaria para servir seus homens. A mulher na sociedade, dentro da literatura e no imaginário, era retratada como ingênua, santa e anjo, ora como demônio ou monstro. O que se percebe é que ela sempre foi objeto de interesse de muitos escritos, talvez porque para o homem ela representasse mistério.

Ao final do conto fica a sensação de continuar naquele ambiente de natureza ativa com o cantar dos pássaros, em que Izé, partícipe do assassinato começa a desconfiar da vida que escolhera viver ao lado de Carmélia, paira a dúvida de sobre as vontades da mulher que corajosamente fugira de seu local de origem abandonando tudo e a todos com um homem casado e quando, pela idade avançada e não oferecendo o que lhe agradara, resolve se livrar retirando a própria vida.

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

Quanto à linguagem, coloquial e oralizada, com intenção de denunciar a organização da sociedade desamparada, a ermo pelo interior do centro-oeste brasileiro, nas regiões propícias a quem não se encaixava nas esferas cidadinas, pois certamente não cumpria suas regras, feitos relevantes para que se fugissem e se colocassem a viver conforme a natureza lhe alimente, plantar e colher, caçar, pescar, vestir-se de farrapos, sentir saudade de sal, café e outros luxos que somente os grandes centros podem oferecer. Estética esta, presente nas obras do Modernismo.

A transcrição fonética procura reproduzir, da forma mais realista possível, a fala do sertanejo. De acordo com Élis, sua linguagem era popular e foi considerada um “achincalhe à pureza da cultura goiana da classe predominante.” (ÉLIS, 2000, p. 100). Ali os personagens representam também tipos humanos marginalizados, como por exemplo a mulher que se entrega ao homem antes do casamento e o velho que deixa a esposa para fugir com uma mocinha por isso são discriminados: carência e miséria.

O regionalismo é ricamente reproduzido, mostrando o cenário do sertão goiano e os personagens descritos, o seu povo, animais, plantas, rios e cachoeiras pertencentes ao cerrado. O significativo léxico apresentado por Bernardo Élis confirma o seu conhecimento e intimidade pelo interior de Goiás.

Referências

BELÉM, Euler de França. «**A história da criação da música "Amélia" por Mário Lago e Ataulfo Alves**». *Jornal Opção*, Edição 2075. Consultado em 15 de dezembro de 2022. Cópia arquivada em 4 de dezembro de 2016.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 49. ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRANDÃO, Ruth Silviano. **Mulher ao pé da letra**. Belo Horizonte: UFMG, 1993.

CANDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 6. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. v.1 (1750-1836) e v.2. (1836-1880).

ANAIS DO III SIELLI E XX ENCONTRO DE LETRAS



07 A 11 DE NOVEMBRO DE 2022

CASCUDO, Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10a ed. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1999.

DICIONÁRIO: Caudas Aulete. Disponível em: https://www.aulete.com.br/site.php?mdl=aulete_digital. Acesso em: 20 de novembro de 2017.

ÉLIS, Bernardo. A mulher que comeu o amante. In: **Ermos e Gerais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a. pp.109-115.

ÉLIS, Bernardo. **André Louco**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978. 102p.

ÉLIS, Bernardo. **Ermos e Gerais; contos goianos**. São Paulo: Revista do Tribunais, 1944. 172p.

ÉLIS, Bernardo. **O Tronco**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974

FERNANDES, Frederico Augusto Garcia. **A voz em performance: uma abordagem de narrativas e versos orais da cultura oral pantaneira**. (Tese). Doutorado em Letras. Universidade Estadual Paulista. Assis, 2003.

FILHO, Francisco Humberto Cunha; FERNANDES, Leonísia Moura. **Violência sexual e a culpabilização da vítima: sociedade patriarcal e seus reflexos no ordenamento jurídico brasileiro**. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=47f5d6b9ad18d160> Acesso em 06/12/2022.

MACHADO, Irene. **O romance e a voz: a prosaica de Mikhail Bakhtin**. Rio de Janeiro/São Paulo: Imago/Fapesp, 1995.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. 1. ed. Editora Fundação Perseu Abramo. São Paulo, 2003.

SILVA, Alexander Meireles da. **História em quadrinhos e a perversão feminina: A mulher maravilha como estudo**. In: II SIMPÓSIO NACIONAL Gênero e Interdisciplinaridades. UFG, 2011.

SILVA, Alexander Meireles da. **Sob a sombra dos ipês: Considerações sobre o gótico colonial brasileiro**. UFG, 2013.

TELES, Gilberto Mendonça. **O conto brasileiro em Goiás**. Goiânia: Editora da UCG, 2007. (18 de abril de 2015).